

MITOS & FATOS
SOBRE
BULLYING

M684 Mitos e fatos sobre *bullying*: orientações para pais e profissionais / organizado por Carolina Saraiva de Macedo Lisboa, Guilherme Welter Wendt e Juliana da Rosa Pureza – Novo Hamburgo : Sinopsys, 2014. 16x23 cm ; 96p.

ISBN 978-85-64468-28-3

1. Psicologia – *Bullying* – Infância – Adolescência. I. Lisboa, Carolina Saraiva de Macedo. II. Wendt, Guilherme Welter. III. Pureza, Juliana da Rosa. IV. Título

CDU 159.922-053.2/.6

Catálogo na publicação: Mônica Ballejo Canto – CRB 10/1023

MITOS & FATOS
SOBRE
BULLYING

Orientações para Pais e Profissionais

Carolina Saraiva de Macedo Lisboa

Guilherme Welter Wendt

Juliana da Rosa Pureza

ORGANIZADORES



2014

© Sinopsys Editora e Sistemas Ltda., 2014

Mitos e fatos sobre o bullying – Orientações para pais e profissionais
Carolina Saraiva de Macedo Lisboa, Guilherme Welter Wendt,
Juliana da Rosa Pureza (Orgs.)

Capa: *Maurício Pamplona*

Supervisão editorial: *Mônica Ballejo Canto*

Editoração: *Formato Artes Gráficas*

Sinopsys Editora

Fone: (51) 3066-3690

E-mail: atendimento@sinopsyseditora.com.br

Site: www.sinopsyseditora.com.br

Autores

Carolina Saraiva de Macedo Lisboa (org.). Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestre e doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora da Faculdade de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS. Coordenadora do Grupo de Pesquisa: Relações Interpessoais e Violência – Contextos Clínicos, Sociais, Educativos e Virtuais (Área de Concentração: Psicologia Clínica – PUCRS). Editora Associada da Revista PSICO. Coordenadora do Curso de Especialização em Terapia Cognitivo-Comportamental à distância (PUCRS). E-mail: carolina.lisboa@pucrs.br.

Guilherme Welter Wendt (org.). Bacharel em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade do Rio dos Sinos (UNISINOS), com bolsa CAPES. Doutorando em Psicologia pela Goldsmiths College, University of London (Bolsista CAPES – Processo BEX 893713-3). Integrante do Indian-European Research Networking on bullying, cyberbullying, pupil safety & well-being. Titular junto ao Membership Committee da International Society for the Study of Behavioural Development (ISSBD) e pesquisador associado do Grupo de Pesquisa: Relações Interpessoais e Violência – Contextos Clínicos, Sociais, Educativos e Virtuais (PUCRS). E-mail: psp01gw@gold.ac.uk.

Juliana da Rosa Pureza (org.). Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade do Rio dos Sinos (UNISINOS), com Bolsa PROSUP/CAPES. Especialista em Terapias Cognitivo-Comportamentais pela WP Centro de Psicoterapia Cognitivo-Comportamental. Professora da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI Campus Santiago). Membro do Grupo de Pesquisa: Relações Interpessoais e Violência – Contextos Clínicos, Sociais, Educativos e Virtuais (PUCRS). E-mail: julianapureza@yahoo.com.br.

André Verzoni. Psicólogo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestrando em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS, com Bolsa PROSUP/CAPES Membro do Grupo de Pesquisa: Relações Interpessoais

e Violência – Contextos Clínicos, Sociais, Educativos e Virtuais (PUCRS). E-mail: andre.verzoni@gmail.com.

Bruna Holst. Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestranda em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS, com Bolsa PROSUP/CAPE. Membro do ESIPP – Estudos Integrados de Psicoterapia Psicanalítica – e do Grupo de Pesquisa: Relações Interpessoais e Violência – Contextos Clínicos, Sociais, Educativos e Virtuais (PUCRS). E-mail: bruholst@gmail.com.

Caroline Louise Mallmann. Psicóloga pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestranda em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com Bolsa PROSUP/CAPE. Membro do Grupo de Pesquisa: Relações Interpessoais e Violência - Contextos Clínicos, Sociais, Educativos e Virtuais (PUCRS). Especialista em Terapias Cognitivo-Comportamentais pela WP Centro de Psicoterapia Cognitivo-Comportamental. E-mail: carolinemallmann@hotmail.com.

Cristina Lessa Horta. Psicóloga pela Universidade Católica de Pelotas (UCPEL). Mestre em Saúde e Comportamento pela UCPEL. Doutoranda em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Bolsista CAPES. Membro do Grupo de Pesquisa: Relações Interpessoais e Violência – Contextos Clínicos, Sociais, Educativos e Virtuais (PUCRS). Especialista em Psicoterapia Psicanalítica da Infância, Adolescência e Família pela Sociedade Científica Sigmund Freud. E-mail: cristinalessahorta@gmail.com.

Daniele Lindern. Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestranda em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS, com Bolsa CNPq. Membro do Grupo de Pesquisa: Relações Interpessoais e Violência – Contextos Clínicos, Sociais, Educativos e Virtuais (PUCRS). Especializanda em Terapias Cognitivo-Comportamentais pelo Instituto de Terapias Cognitivo-Comportamentais (InTCC). E-mail: daniele.lindern@gmail.com.

Edilson Pastore. Psicólogo pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Mestre em Psicologia Clínica pela UNISINOS. Coordenador e supervisor do Departamento de Ensino e Pesquisa da Clínica Pinel e do Ambulatório da mesma Instituição. Especialista em Avaliação Psicológica e Psicodiagnóstico. Membro do Grupo de Pesquisa: Relações Interpessoais e Violência – Contextos Clínicos, Sociais, Educativos e Virtuais (PUCRS). E-mail: edilson.pastore@clinicapinel.com.br.

João Luís Almeida Weber. Graduando em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Membro do Grupo de Pesquisa: Relações Interpessoais e Violência – Contextos Clínicos, Sociais, Educativos e Virtuais (PUCRS). E-mail: jlweber27@gmail.com.

Larissa Prado da Fontoura. Graduanda em Medicina pela Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA). Fonoaudióloga pela Universidade Feevale. Mestre em

Saúde Coletiva pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Integrou o Grupo de Pesquisa de Saúde Mental, Álcool e Drogas do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva– UNISINOS. Coordenou estudos voltados para uso de drogas e fatores associados entre escolares. Email: larabrrs@yahoo.com.br

Lisete Almeida. Psicóloga pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Especialista em Neuropsicologia pela ULBRA. Membro da International Society for the Study of Behavioural Development (ISSBD). Atua como psicóloga do Centro de Referência Especializado para a População em Situação de Rua da Prefeitura de Gravataí/RS. Contato: lisetepsi@yahoo.com.br

Lusiêni Diel. Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Licenciada em Português e Inglês pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Especialista em Transtornos do Desenvolvimento pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e especializanda em Psicoterapia Psicanalítica pelo ESIPP – Estudos Integrados de Psicoterapia Psicanalítica. E-mail: lusieni.diel@gmail.com.

Rogério Lessa Horta. Médico, psiquiatra, Terapeuta de Casais e Famílias, mestre e doutor em Psicologia pela PUCRS. Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da UNISINOS, mantém consultório privado em psiquiatria e psicoterapia individual, de casais e de famílias. Tem experiência como supervisor clínico institucional de CAPS, pelo Ministério da Saúde e como consultor para Programas de Prevenção dos agravos decorrentes do uso de álcool e outras drogas. Seu tema de pesquisa é Saúde Mental, Álcool e Drogas, com ênfase para família e escola. E-mail: rogeriohortamed@gmail.com

Sílvia Cristina Marceliano Hallberg. Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestranda em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS. Membro do Grupo de Pesquisa: Relações Interpessoais e Violência – Contextos Clínicos, Sociais, Educativos e Virtuais (PUCRS). Especialista em Psicoterapia de Orientação Analítica pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e em Psicoterapia da Infância e Adolescência pelo Centro de Ensino, Atendimento e Pesquisa da Infância e Adolescência (CEAPIA). Diretora de Pesquisa do CEAPIA. E-mail: hallberg.scm@gmail.com.

Sumário

| | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Prefácio I | 11 |
| <i>Peter Smith</i> | |
| Prefácio II | 13 |
| <i>Carmem Beatriz Neufeld</i> | |
| 1. Mitos e fatos sobre <i>bullying</i> | 15 |
| <i>Carolina Saraiva de Macedo Lisboa, Cristina Lessa Horta, João Luis Almeida Weber e Lisete Almeida</i> | |
| 2 Identificando o <i>bullying</i> | 29 |
| <i>Carolina Saraiva de Macedo Lisboa, Daniele Lindern, Lusiêni Diel e João Luis Almeida Weber</i> | |
| 3 Discutindo agressão e vitimização eletrônica | 41 |
| <i>Guilherme Welter Wendt e João Luis Almeida Weber</i> | |
| 4 Atenção ao agressor | 51 |
| <i>André Verzoni, Bruna Holst e Silvia Cristina Marceliano Hallberg</i> | |
| 5 <i>Bullying</i> e psicopatologias: identificando fatores de risco | 61 |
| <i>Edilson Pastore, Caroline Louise Mallmann, Carolina Saraiva de Macedo Lisboa e Lusiêni Diel</i> | |
| 6. <i>Bullying</i> e uso de álcool e outras drogas | 73 |
| <i>Cristina Lessa Horta, Carolina Saraiva de Macedo Lisboa, Rogério Lessa Horta e Larissa Prado da Fontoura</i> | |
| 7 Manejo e tratamento do <i>bullying</i>: o que fazer? | 83 |
| <i>Juliana da Rosa Pureza e Daniele Lindern</i> | |

Prefácio I

Em muitos países, o *bullying* entre jovens e na escola é um importante problema social. Ele envolve repetidos ataques contra uma pessoa mais fraca ou relativamente indefesa; pode ser de natureza física, verbal, exclusão social severa de outras pessoas, ou, atualmente, o *cyberbullying* – usando telefones móveis e internet. Este abuso intencional de poder para ferir os outros pode acarretar sofrimento e perda de autoestima nas vítimas e, em casos extremos, pode contribuir para suicídios. Aqueles que praticam o *bullying* não estão aprendendo sobre um comportamento responsável e carinhoso com os outros; e os espectadores que veem o *bullying* acontecer, se não forem controlados, estão aprendendo que esses comportamentos são tolerados.

O *bullying* é cada vez mais reconhecido como um fenômeno que deve ser compreendido e combatido da maneira mais eficaz possível. Os estudos sobre o assunto já tem uma história de 25 anos, muito se aprendeu. Além disso, foram desenvolvidas muitas formas de intervir, com algum sucesso. É muito importante que este conhecimento e as boas práticas sejam disseminados, para que professores, pais e aqueles que se preocupam com o bem-estar dos jovens possam usá-los em seu próprio trabalho e ajudem a reduzir a gravidade deste problema.

Este livro é uma contribuição oportuna para este esforço. Os organizadores são pesquisadores que atuam na área e que compilaram uma forte seleção de capítulos que nos conduzem através dos principais aspectos do que sabemos sobre o *bullying* escolar, incluindo sua identificação,

o *cyberbullying* (tema relativamente novo), a compreensão de o porquê os praticantes do *bullying* agirem dessa forma, os papéis no *bullying* e seus correlatos, o vínculo com o uso de drogas na adolescência e os tipos de intervenções que podem ser implementadas para reduzi-lo. Ele será de grande valor para pais e profissionais e de interesse para pesquisadores preocupados com este importante tema.

Peter K. Smith

Goldsmiths College, University of London, UK

Prefácio II

Falar sobre *bullying* é, além de uma necessidade atual, um desafio contemporâneo, uma vez que o conhecimento e a ocorrência deste fenômeno têm ganhado notoriedade tanto no meio científico quanto no meio leigo. Como toda temática que se difunde, os tabus e as informações errôneas ou simplistas se multiplicam. Lisboa, Wendt, Pureza e seus colaboradores vêm em defesa do conhecimento aprofundado e fundamentado deste fenômeno em *Mitos e fatos sobre bullying: Orientações para pais e profissionais*.

Firmemente embasados em estudos científicos e na prática em Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), os autores enfrentam com seriedade e sensibilidade os diferentes aspectos envolvidos neste complexo fenômeno. Com linguagem acessível, exemplos de pesquisa e da prática no cotidiano educacional e clínico, o leitor encontrará ricas orientações de manejo e encaminhamentos a serem tomados frente à identificação deste tipo de violência.

Livre de preconceitos ou respostas simplistas, o livro apresenta as características que podem auxiliar qualquer pessoa envolvida com jovens a identificar o *bullying*, passando pelo *cyberbullying* e pela violência relacional em diferentes contextos. Suas orientações vão muito além de uma perspectiva de vitimização ou polarização do bem contra o mal. A perspectiva passa pelo entendimento e atendimento tanto a vítimas quanto agressores, entendendo os pais e os professores como peças-chave na identificação e na intervenção contra a violência. A contribuição para a instauração de “uma cultura de paz” é o objetivo desta obra.

Nessa direção, os três primeiros capítulos visam orientar o leitor para a identificação do *bullying* e do *cyberbullying*. A atenção ao agressor, a associação com as psicopatologias e o abuso de substâncias são aprofundados e abordados nos capítulos quatro ao seis. O livro finaliza com orientações de manejo e intervenções possíveis.

Inegável contribuição dos autores, a obra oferece um material diverso e rico para embasar a reflexão e a prática de pessoas que pretendam se engajar no difícil trabalho contra a violência. Uma cultura de respeito às diferenças e de ações afirmativas que não suportem pequenas agressões parece estar na base das ideias que embasam este livro. A energia e a tenacidade com que os autores se dedicam a cada um dos tópicos é inspirador, pois chama o leitor para o seu papel de não omissão frente aos processos sociais que subjazem a violência.

Dra. Carmem Beatriz Neufeld

Doutora em Psicologia pela PUCRS; Coordenadora do Laboratório de Pesquisa e Intervenção Cognitivo-Comportamental (LaPICC); Docente Orientadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo; Presidente da Federação Brasileira de Terapias Cognitivas (FBTC) Gestão 2011-2013/ 2013-2015.

1

Mitos e fatos sobre *bullying*

Carolina Saraiva de Macedo Lisboa, Cristina Lessa Horta,
João Luis Almeida Weber e Lisete Almeida

A partir da desmistificação de algumas ideias equivocadas geralmente associadas ao processo de *bullying*, é apresentada a definição deste processo, bem como diferenças de gênero (entre meninos e meninas), especificidades com relação à faixa etária e consequências e fatores associados a este tipo de violência, apontadas por estudos científicos. Este é um capítulo introdutório que instiga os leitores a uma reflexão sobre o *bullying*, crenças equivocadas e preconceitos associados a estes comportamentos. Foi objetivo, ainda, salientar que este fenômeno está, infelizmente, associado a importantes prejuízos, imediatos e futuros, para o desenvolvimento psíquico e social, não só da vítima e do agressor, mas de todos os jovens envolvidos.

Embora nos últimos anos muito tenha sido afirmado sobre *bullying*, várias pessoas ainda consideram este fenômeno como “uma coisa de moda”, “*bullying* é frescura de psicólogo, antes não existia” ou, ainda, “*bullying* é só brincadeira de criança”. Mas será que isso é verdade? Afinal, o que é *bullying*? Neste capítulo, além de definirmos este processo, discutiremos alguns dos mitos frequentemente associados a ele, sobre causas, consequências e características das crianças e dos adolescentes envolvidos, a fim de desmitificar equívocos e crenças distorcidas que as pessoas têm sobre esse fenômeno.

Um dos primeiros autores a pesquisar e a publicar sobre a temática do *bullying* foi Dan Olweus, que realizou estudos na década de 1970, na

Noruega (Lisboa, Braga, & Ebert, 2009). Desde então, *bullying* vem sendo compreendido como um fenômeno que acontece quando uma criança ou jovem é sistematicamente agredido, sem motivação aparente, por um ou mais agressores, gerando discriminação e exclusão dessa criança do grupo (Olweus, 1993). O que diferencia o *bullying* de uma brincadeira de criança é justamente o fato de que as atitudes agressivas, além de repetidas, são intencionais, executadas dentro de uma relação desigual de poder, causando dor, angústia e humilhação (Braga & Lisboa, 2010; Malta, Silva, Mello, Monteiro, Sardinha, Crespo et al., 2010; Pearce & Thompson, 1998). Por relação desigual de poder, os autores referem-se ao fato de que a vítima costuma estar numa posição de fragilidade em relação ao agressor, o que a impede de se defender (Braga & Lisboa, 2010). Em uma brincadeira todos estão se divertindo; quando há sofrimento não há brincadeira.

O termo *bullying* deriva de *bully* que, em inglês, significa “valentão”. Opta-se por não traduzir o termo para o idioma português pois não há uma única expressão nesta língua capaz de transmitir toda a complexidade do fenômeno (Braga & Lisboa, 2010). Ou seja, termos como vitimização, maus-tratos entre pares e agressão remetem a diferentes formas de violência, enfatizando ora agressores, ora vítimas, sem destacar a questão do caráter sistemático típico do *bullying*.

Os comportamentos de *bullying* podem configurar-se por agressões do tipo verbal – deboches, ironias, insultos, apelidos, entre outros –; física – chutes, empurrões, agressões, entre outros –; ou relacional – ameaças, acusações injustas, roubos de dinheiro e pertences, entre outros (Braga & Lisboa, 2010; Malta et al., 2010; Nansel, Craig, Overpeck, Saluja, & Ruan, 2004). Em geral, os comportamentos de *bullying* acontecem na escola ou nas imediações do ambiente escolar, entretanto, hoje em dia, também têm acontecido nos ambientes virtuais. Entende-se por *cyberbullying* o *bullying* que ocorre através das ferramentas da comunicação e da informação (Matos & Gonçalves, 2009; Wang, Iannotti, & Nansel, 2009; ver Capítulo 3 sobre *cyberbullying* neste livro).

Contrariando a ideia de que “*bullying* só acontece entre adolescentes; crianças não fazem *bullying*”, segundo estudos, a maior prevalência de *bullying* acontece entre o final da infância e o início da adolescência: entre

11 e 13 anos (Lopes Neto, 2005; Tortorelli, Carreiro, & Araújo, 2010). No entanto, convém salientar que este tipo de violência pode ser identificado ao longo de todo o desenvolvimento infantil e adolescente. Ou seja, entende-se que o processo de *bullying* esteja relacionado a cognições sociais que os indivíduos constroem para interagir coletivamente, afiliando-se a determinados grupos e excluindo aqueles que não estejam identificados com as características grupais, podendo ocorrer em qualquer etapa do desenvolvimento infantil ou adulto (Sternberg, 2010). A princípio, este é um processo natural, pois os seres humanos organizam sua mente a fim de atribuir sentido ao mundo e a si mesmo. Entretanto, as cognições sociais, influenciadas pela cultura, geram estereótipos acerca de grupos e pessoas e podem tornar-se preconceitos (Sternberg, 2010). Esta exclusão dos “diferentes” a fim de formar a própria identidade e entender e direcionar a experiência no contexto social pode gerar um processo de *bullying*, seja na infância ou na adolescência, se não for identificado ou limitado por adultos e/ou profissionais especializados.

Outro mito que precisa ser esclarecido é o de que “*só os meninos praticam bullying, meninas não*”. De fato, há estudos nacionais e internacionais referindo que os meninos envolvem-se mais que as meninas nas situações de *bullying*, tanto como agressores ou como vítimas. Mas isto não significa que as meninas não se envolvam. Ao contrário, tanto os meninos como as meninas parecem envolver-se de forma significativa nas situações de *bullying* (Malta et al., 2009; Nansel et al., 2004; Silva, Cardoso, Jansen, Souza, Godoy, Cruzeiro et al., 2012). Estudo brasileiro de 2011 (Land, 2011) identificou uma maior incidência de *bullying* entre as meninas do que entre os meninos. Mesmo que estes resultados não possam ser generalizados, eles permitem refletir sobre o assunto e alertam sobre a cautela em afirmar que os meninos praticam e sofrem mais *bullying*. Da mesma forma, a literatura atual sobre *cyberbullying* atesta que as meninas praticam e sofrem mais *cyberbullying* do que os meninos (ver Capítulo 3 sobre *cyberbullying*).

Tem-se discutido que as expectativas depositadas pela cultura no comportamento de meninos e meninas podem influenciar o que se percebe em termos de diferenças no tipo de comportamento de *bullying*. Ou seja, espera-se que os meninos sejam mais agressivos de forma explícita e

externalizante, e esta agressividade masculina é aceita e tolerada culturalmente. Já para as mulheres, é “feio” agredir física e verbalmente, espera-se que as meninas não agredam, não sejam violentas (Bandeira & Hutz, 2012). Os meninos parecem mais envolvidos no que se denomina *bullying* direto (agressões físicas, roubos, ameaças, ofensas verbais, etc.), enquanto as meninas envolvem-se mais no *bullying* indireto (indiferença, isolamento, exclusão, difamação, manipulação das relações de amizade e outras formas mais veladas de vitimização) o que é mais difícil de identificar e mensurar (Braga & Lisboa, 2010). Assim sendo, a agressividade feminina, por ser mais sutil e de difícil investigação/mensuração pode passar despercebida, o que explica que os estudos verifiquem mais a agressividade masculina e o envolvimento dos meninos no *bullying*.

Salmivalli (1998) propõe que o *bullying* é um fenômeno social pela sua natureza, enfatizando que o contexto e a dinâmica do grupo de pares influenciam para que o fenômeno ocorra. Esta ideia reforça o que foi enfatizado anteriormente sobre o processo natural de formação da identidade individual a partir de afiliações em grupos sociais com características específicas. Chama-se, com isto, a atenção para o fato de que a cultura pode legitimar o fenômeno *bullying* a partir de suas normas. Neste sentido, embora os papéis de gênero masculino e feminino venham se modificando nas últimas décadas, ainda hoje, os meninos parecem estar mais autorizados e, muitas vezes, são até mesmo estimulados a apresentarem comportamentos violentos, enquanto as meninas devem ser “comportadas” e não podem ser agressivas.

Embora algumas pessoas ainda pensem que “*bullying não dá nada, todas as pessoas passam por isso*”, este processo implica em importantes prejuízos para o desenvolvimento físico, emocional e social dos envolvidos, independente do papel social que a criança desempenhe neste processo (Nansel et al., 2004). Ou seja, no *bullying*, quatro papéis sociais são claramente identificados: agressor, vítima, reforçador e testemunha (Olweus, 1993; Salmivalli, Lagerspetz, Björkqvist, Österman, & Kaukiainen 1996). Os agressores são aqueles que protagonizam a violência nas suas mais variadas formas contra a vítima que pouco ou nenhum recurso tem para defender-se. Os reforçadores são aqueles que estimulam, encorajam e estão junto com o agressor e as testemunhas são jovens que presenciam este tipo de violência

sem reforçar o agressor ou mesmo afiliarem-se e defenderem as vítimas (Salmivalli et al., 1996). Há, ainda, um quinto grupo de jovens que se refere àqueles que oscilam dinamicamente entre os papéis de agressor e vítima de forma concomitante, chamados de agressores/vítimas (Nansel et al., 2004). Os prejuízos psicossociais variam um pouco dependendo do papel social que a criança ou adolescente desempenha no processo.

As consequências do *bullying* para o desenvolvimento subsequente dos jovens aparecem através de problemas psicossomáticos, fraco rendimento escolar, absentismo, e, em casos mais graves, a morte prematura, em geral acometendo os agressores, vítimas e agressores/vítimas em maior frequência do que as testemunhas e reforçadores (Molcho, 2009). O suicídio e o homicídio também estão entre as graves consequências do *bullying* (Olweus, 1993). Além disso, as crianças agressoras possuem quatro vezes mais chance de se envolver com criminalidade na fase adulta do que aquelas que nunca se envolveram em situações de *bullying* (Sourander, Jensen, Rønning, Niemelä, Helenius, Sillanmäki et al., 2007). E os indivíduos que se envolvem neste fenômeno enquanto vítimas podem apresentar déficits em suas habilidades sociais ao longo dos anos (Zegarra, Barrón, Marqués, Berlanga, & Pallas, 2009). Crianças vítimas de *bullying* apresentam mais sintomas físicos, como dor de cabeça e de estômago, e sintomas psicológicos como dificuldade para dormir, enurese noturna, quando comparadas a crianças que não sofrem *bullying* (Lambert, Scourfield, Smalley, & Jones, 2008). Outros capítulos neste livro aprofundarão a discussão sobre as possíveis consequências negativas do *bullying* no desenvolvimento subsequente (ver Capítulos 5 e 6).

Os estudos na área apresentam algumas características dos jovens que se envolvem neste fenômeno. Em relação às vítimas, estas costumam ter poucos amigos, comportamento passivo, retraído, além de apresentarem baixa autoestima (Braga & Lisboa, 2010; Lopes Neto, 2005). Pesquisas indicam também que as minorias étnicas (Lambert et al., 2008), portadores de necessidades especiais, de epilepsia ou de obesidade (Hamiwka, Yu, Hamiwka, Sherman, Anderson, & Wirrell, 2009; Lumeng, Forrest, Appugliese, Kaciroti, Corwyn, & Bradley, 2010; Reiter & Lapidot-Lefter, 2007) podem ser mais propensos a serem vitimizados. Já os agressores

(*bullies*) costumam ser descritos como populares, frequentemente envolvidos em comportamentos antissociais, impulsivos, com opinião positiva sobre si mesmo e sensação de prazer em dominar, controlar e prejudicar os outros (Lopes Neto, 2005; Salmivalli et al., 1996). Fatores individuais como hiperatividade, impulsividade, déficit de atenção ou baixo desempenho escolar parecem estar também associados às atitudes dos agressores do *bullying* (Eslea & Rees, 2001). Embora os dados apresentados sejam provenientes de pesquisas científicas, convém salientar que estas classificações não devem ser consideradas como verdades absolutas, tampouco devem ser usadas para rotular, legitimar ou para culpar os jovens pela agressão e vitimização.

Ainda refletindo sobre as consequências deste processo, que está longe de ser inofensivo, um estudo realizado nos Estados Unidos evidenciou problemas de ansiedade, depressão e isolamento em vítimas de *bullying* (Fox & Boulton, 2006). Outros comportamentos, como submissão, timidez e insegurança, além da baixa autoestima e dificuldade de se impor também aparecem intimamente relacionados com a vitimização em situações de *bullying* (Olweus, 1993; Pavarini & Souza, 2012). Estes achados remetem à importância de se refletir sobre a relação existente entre as características individuais e o surgimento e manutenção de um processo de *bullying*. Ou seja, não se pode negar que existe uma pressão social para que os seres humanos façam parte de uma hegemonia cultural que define quem está incluído ou quem está excluído (Salles & Silva, 2008). Partindo-se do pressuposto que a sociedade se constitui por meio de normas sociais e com base no que é comum, aceito e conhecido, nota-se que o “diferente” ainda é percebido como desigual e inferior. O *bullying* pode ser considerado um tipo de discriminação legitimado pela sociedade. Seja qual for a forma da discriminação em relação a um ser humano que possui singularidades, a sociedade categoriza as pessoas em função do que se espera de comum e natural para um grupo social, ao invés de ver a diferença como um processo positivo de produção social.

“*Quem faz ou sofre bullying é problemático*”. Como já referido anteriormente, o *bullying* pode começar em função de um processo normativo do desenvolvimento humano e se manter, tornando-se nocivo em função de uma ordem sociocultural e de falta de limites por parte de adultos, fa-

miliares ou profissionais. Alguns modelos teóricos sobre comportamentos agressivos explicam, de certa forma, as causas do *bullying*, apontando alguns fatores preditivos para este processo, e serão melhor descritos abaixo.

A Teoria da Dominância Social (Pratto, Sidanius, Stalworth, & Malle, 1994; Sidanius & Pratto, 1999) aborda o que foi comentado anteriormente a partir dos pressupostos de uma seleção natural dentro do que é aceito e permitido socialmente. Os indivíduos procuram criar hierarquias no grupo no intuito de se defender e manter o grupo do qual fazem parte preservado de qualquer ameaça. Logo, aqueles mais propensos a serem excluídos e estarem envolvidos em *bullying*, podem ser tanto os mais submissos (Farrington & Baldry, 2010) como aqueles que são considerados fortes concorrentes (Volk, Camilleri, Dane, & Marini, 2012).

Já a Teoria do Processamento Social da Informação foca nas cognições e discute a forma com que os jovens interpretam o mundo. Ou seja, esta abordagem sugere que os indivíduos agressivos possuem uma pobre habilidade em processar a informação em situações de interação social, pois costumam interpretar situações ambíguas de forma agressiva (Farrington & Baldry, 2010). Este achado é corroborado pelas ideias de Garner e Hinton (2010) sugerindo que o *bullying* pode ser o resultado de um processamento mal-adaptativo revelando uma incapacidade dos indivíduos que neste fenômeno se envolvem de interpretar adequadamente o ambiente que os cerca. Estas pessoas tendem a encarar as situações quase sempre de forma negativa e hostil. Além disso, por outro lado, as vítimas também apresentam dificuldades de compreender as intenções emocionais dos agressores do *bullying* atribuindo-lhes, neste caso, intenções positivas (Garner & Hinton, 2010).

Características individuais também podem representar risco para a ocorrência do *bullying*. Déficits em habilidades sociais, por exemplo, podem também estar relacionados ao surgimento do *bullying*, pois foi identificado em estudos que as vítimas e os agressores do *bullying* tendem a exibir habilidades sociais pobres (Berejot & Humble, 2013; Fox & Boulton, 2005; Larke & Beran, 2006). Habilidades sociais são comportamentos que expressam sentimentos, atitudes, opiniões ou direitos de uma forma adequada e eficaz para com o contexto, respeitando o comportamento

das outras pessoas e resolvendo problemas, diminuindo a probabilidade do surgimento de problemas futuros (Caballo, 2003). Crianças que apresentam comportamentos pró-sociais e são hábeis socialmente, ao contrário, não tendem a se envolver em situações de vitimização. Conforme Bejerot, Edgar e Humble (2011), as crianças que possuem habilidades sociais pobres e, normalmente, são denominadas como “chatas”, “estranhas” ou “desagradáveis” podem possuir uma condição de risco aumentado para se tornarem vítimas de *bullying*. O risco de se tornar vítima e/ou agressor no *bullying* é três vezes maior quando se tem algum tipo de prejuízo em suas habilidades motoras e sociocognitivas. A inabilidade social pode ser um reforçador para a exclusão social e uma das causas de *bullying* (Bejerot, Edgar, & Humble, 2011; Jacobson, 2010). Frente a estas colocações, também se pode pensar que adequado repertório de habilidades sociais pode ser um fator de proteção para o *bullying* (Baraldi & Silveiras, 2003; Del Prette & Del Prette, 2008, 2010).

Ainda referindo-se a características individuais, o comportamento agressivo pode ser entendido como um fator de risco para o *bullying*, colaborando para o surgimento deste fenômeno (Campbell & Morrison, 2007). Atualmente, observa-se uma certa banalização da violência (Lisboa, Braga, & Ebert, 2009; Reiter & Lapidot-Lefter, 2007), o que tem favorecido o aumento da agressão e contribuído fortemente para a degradação do clima escolar e das relações sociais (Abramovay, 2005).

“Crianças aprendem a fazer *bullying* na família”, “*Bullying* é sinônimo de má educação e falta de castigo”. Pode-se pensar que práticas educativas dos pais, a violência intrafamiliar e as diversas dificuldades vivenciadas na família podem estar relacionadas com situações de *bullying*. Práticas punitivas, usualmente utilizadas pelos pais com o objetivo de disciplinar e controlar o comportamento dos filhos, estão associadas à prática de *bullying* (Zottis, 2012). As mães que mais frequentemente usavam a punição como estratégia educativa apresentaram quatro vezes mais chances de ter um filho que pratica *bullying* na escola.

As famílias das vítimas, por outro lado, tendem a se caracterizar pela restrição e/ou excesso de proteção pelos pais (Olweus, 1993). No caso de crianças e adolescentes que são vítimas/agressores, o *bullying* pode

ser o resultado de exposição repetida à violência e aos maus tratos em casa, experiências de dupla mensagem e comunicações ambíguas no núcleo familiar (Schwartz, Dodge, Pettit, & Bates, 1997). Ainda, crianças que sofreram negligência (Farrington & Baldry, 2010) e outros tipos de violência são mais propensas a desenvolver modelos cognitivos pouco saudáveis, como referido anteriormente, e, assim, estarem mais propensas ao *bullying*. Além disso, a baixa coesão familiar, supervisão inadequada com pouco tempo dispensado por adultos à criança (Espelage, Bosworth & Simon, 2000), dificuldades em se comunicar com os filhos e pouco envolvimento com a escola (Spriggs, Iannotti, Nansel, & Haynie, 2007) também podem estar associados ao *bullying*. Sabe-se que a família exerce uma forte influência no desenvolvimento psicossocial dos jovens, sendo que nestas interações, os indivíduos poderão constituir aspectos que sejam riscos para a manifestação do *bullying* (Bandura, 1986).

Assim como a família, a escola também pode reforçar o fenômeno do *bullying* que na maioria das vezes terá como cenário esta instituição. Alunos que repetem de ano escolar em função de baixo desempenho acadêmico podem também ser vítimas de *bullying*, assim como o baixo ou pobre apoio por parte dos professores também pode ser causa e/ou reforçar deste tipo de violência (Bradshaw, Sawyer, & O' Brennan, 2009).

Enfim, o objetivo deste capítulo, que introduz um livro sobre mitos e fatos acerca do *bullying* para pais e profissionais, é psicoeducar a comunidade escolar e os pais acerca desse fenômeno. Psicoeducar trata-se de fornecer informação e fomentar reflexão para que pais, professores, familiares e comunidade em geral possam dialogar e lançar mão de esforços coletivos no sentido de prevenir e impedir a ocorrência deste tipo de violência. O *bullying* é um tipo muito específico de violência que não é um modismo, mas que, felizmente, tem sido mais estudado e discutido atualmente. Foi também objetivo deste capítulo deixar claro que o *bullying*, apesar de ser um processo que traz sérias consequências para os envolvidos, não é raro, incomum ou uma brincadeira inofensiva. Os jovens se envolvem no *bullying* em função de processos normativos do desenvolvimento humano e de socialização. Cabe aos adultos limitar este processo, orientando e auxiliando crianças e adolescentes a respeitarem as diferenças.

REFERÊNCIAS

- Abramovay, M., & Castro, M. G. (2005). *Drogas nas escolas: versão resumida*. Brasília: Unesco
- Bandeira, C. M., & Hutz, C. S. (2012). Bullying: Prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. *Psicologia Escolar e Educacional*, 16(1), 35-44.
- Bandura, A. (1986). *Social foundations of thought and action: A social cognitive theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall
- Baraldi, D. M., & Silveiras, E. F. M. (2003). Treino de habilidades sociais em grupo com crianças agressivas, associado à orientação dos pais: análise empírica de uma proposta de atendimento. In A. Del Prette & Z. A. P. Del Prette (Orgs.), *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, avaliação e intervenção* (pp. 235-258). Campinas: Alínea.
- Bejerot, S., & Humble, M. B. (2013). Childhood clumsiness and peer victimization: a case-control study of psychiatric patients. *Psychiatry*, 13, 68.
- Bejerot, S., Edgar, J., & Humble, M. B. (2011). Poor performance in physical education - a risk factor for bully victimization. A case-control study. *Acta Paediatrica*, 100, 413-419.
- Bradshaw, C. P., Sawyer, A. L., & O'Brennan, L. M. (2009). A social disorganization perspective on bullying-related attitudes and behaviors: The influence of school context. *American Journal of Community Psychology*, 43(3-4), 204-220.
- Braga, L. L., & Lisboa, C. (2010). Estratégias de Coping para Lidar com o Processo de Bullying um estudo qualitativo. *Interamerican Journal of Psychology*, 44, 321-331.
- Bulach, C., Fulbright, J. P., & Williams, R. (2003). Bullying Behavior: What Is the Potential for Violence at Your School?. *Journal of Instructional Psychology*, 30, 156-165.
- Caballo, V. C. (2003). *Manual de avaliação e treinamento das habilidades sociais*. São Paulo: Santos.
- Campbell, M. L. C., & Morrison, A. P. (2007). The relationship between bullying, psychotic-like experiences and appraisals in 14-16-year olds. *Behaviour Research and Therapy*, 45(7), 1579-1591.
- Coolidge, F. L., DenBoer, J. W., & Segal, D. L. (2004). Personality and neuropsychological correlates of bullying behavior. *Personality and Individual Differences*, 36(7), 1559-1569.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2008). Um sistema de categorias de habilidades sociais educativas. *Paidéia*, 18, 41-59.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2010). *Psicologia das relações interpessoais: Vivências para o trabalho em grupo*. Petrópolis: Vozes.
- Eslea, M., & Rees, J. (2001). At what age are children most likely to be bullied at school?. *Aggressive Behavior*, 27(6), 419-429.
- Espelage, D. L., Bosworth, K., & Simon, T. R. (2000). Examining the social context of bullying behaviors in early adolescence. *Journal of Counseling & Development*, 78(3), 326-333.
- Fanti, K. A., Frick, P. J., & Georgiou, S. (2009). Linking callous-unemotional traits to instrumental and non-instrumental forms of aggression. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 31(4), 285-298.

- Farrington, D., & Baldry, A. (2010). Individual risk factors for school *bullying*. *Journal of aggression, conflict and peace research*, 2(1), 4-16.
- Fox, C. L., & Boulton, M. J. (2006). Friendship as a Moderator of the Relationship Between Social Skills Problems and Peer Victimization. *Aggressive Behavior*, 32(2), 110-121.
- Garner, P. W., & Hinton, T. S. (2010). Emotional Display Rules and Emotion Self-Regulation: Associations with Bullying and Victimization in Community-Based After School Programs. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 20, 480-496.
- Hamiwka, L. D., Yu, C. G., Hamiwka, L. A., Sherman, E. M.S., Anderson, B., & Wirrell, E. (2009). Are children with epilepsy at greater risk for bullying than their peers? *Epilepsy & Behavior*, 15, 500-505.
- Jacobson, R. B. (2010). A Place to Stand: Intersubjectivity and the Desire to Dominate. *Studies in Philosophy and Education*, 29, 35-51.
- Lambert, P., Scourfield, J., Smalley, N., & Jones, R. (2008). The social context of school bullying: evidence from a survey of children in South Wales. *Research Papers in Education*, 23(3), 269-291.
- Land, B. R. (2010). *Bullying e estilos parentais: um estudo quantitativo*. Dissertação de mestrado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, Brasil.
- Larke, I. D., & Beran, T. N. (2006). The relationship between *bullying* and social skills in primary school students. *Issues In Educational Research*, 16(1), 51-66.
- Lisboa, C. S. M. (2005). *Comportamento agressivo, vitimização e relações de amizade de crianças em idade escolar: Fatores de risco e proteção*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Lisboa, C., Braga, L., & Ebert, G. (2009). O fenômeno bullying ou vitimização entre pares na atualidade: Definições, formas de manifestação e possibilidades de intervenção. *Contextos Clínicos*, 2(1), 59-71.
- Lopes Neto, A. A. (2005). Bullying - comportamento agressivo entre estudantes. *Journal de Pediatria*, 81(5), 164-172.
- Lumeng, J. C., Forrest, P., Appugliese, D. P., Kaciroti, N., Corwyn, R. F., & Bradley, R. H. (2010). Weight Status as a Predictor of Being Bullied in Third Through Sixth Grades. *Pediatrics*, 125(6), 541-553.
- Malta, D. C., Silva, M. A. I., Mello, F. C. M., Monteiro, R. A., Sardinha, L. M. V., Crespo, C. et al. (2010). Bullying in Brazilian schools: results from the National School-based Health Survey (PeNSE), 2009. *Ciência & Saúde Coletiva*, 15(2), 3065-3076.
- Matos, M. G., & Gonçalves, S. M. P. (2009). Bullying nas escolas: comportamentos e percepções. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 10(1), 3-15.
- Molcho, M. (2009) – Cross-national time trends in bullying behavior 1994-2006: findings from Europe and North America. *International Journal of Public Health*, 54(2), 225-234.
- Nansel, T. R., Overpeck, M., Pilla, R. S., Ruan, W. J., Simons-Morton, B., & Scheidt, P. (2001). Bullying behaviors among US youth. *JAMA: the journal of the American Medical Association*, 285(16), 2094-2100.
- Nansel, T. R., Craig, W., Overpeck, M. D., Saluja, G., & Ruan, W. J. (2004). Cross-national consistency in the relationship between bullying behaviors and psychosocial

- adjustment. *Archives of Pediatric and Adolescent Medicine*, 158, 730-736.
- Olweus, D. (1993). *Bullying at school: What we know and what we can do*. London: Blackwell.
- Orza, J. G. (1997). Un modelo cognitivo de las interacciones matón-víctima. *Anales de Psicología*, 13(1), 51-56.
- Pavarini, G., & Souza, D. (2010). Teoria da mente, empatia e motivação pró-social em crianças pré-escolares. *Psicologia em Estudo*, 15(3), 613-622.
- Pearce, J. B., & Thompson, A. E. (1998). Practical approaches to reduce the impact of bullying. *Archives of Disease in Childhood*, 79(6), 528-531.
- Pratto, F., Sidanius, J., Stalworth, L. M., & Malle, B. F. (1994). Social dominance orientation: A personality variable predicting social and political attitudes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67, 741-763.
- Raskauskas, J. L., Gregory, J., Harvey, S. T., Rifshana, F., & Evans, I. M. (2010). Bullying among primary school children in New Zealand: relationships with prosocial behaviour and classroom climate. *Educational Research*, 52(1), 1-13.
- Reiter, S., & Lapidot-Lefler, N. (2007). Bullying among special education students with intellectual disabilities: Differences in social adjustment and social skills. *Intellectual and Developmental Disabilities*, 45(3), 174-181.
- Salles, L. M. F., & Silva, J. (2008). Diferenças, preconceitos e violência no âmbito escolar: algumas reflexões. *Cadernos de Educação*, 30, 149-166.
- Salmivalli, C. (1998). Intelligent, attractive, well-behaving, unhappy: The structure of adolescents' self-concept and its relations to their social behavior. *Journal of Research on Adolescence*, 8, 333-354.
- Salmivalli, C., Lagerspetz, K., Björkqvist, K., Österman, K., & Kaukiainen, A. (1996). Bullying as a group process: Participant roles and their relations to social status within the group. *Aggressive Behavior*, 22, 1-15.
- Schwartz, D., Dodge, K. A., Pettit, G. S., & Bates, J. E. (1997). The early socialization of aggressive victims of bullying. *Child development*, 68(4), 665-675.
- Sidanius, J., & Pratto, F. (1999). *Social dominance: Na intergroup Theory of Social Hierarchy and Opression*. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Silva, R. A., Cardoso, T. A., Jansen, K., Souza, L. D. M., Godoy, R. V., Cruzeiro, A. L. et al. (2012). Bullying and associated factors in adolescents aged 11 to 15 years. *Trends in Psychiatry and Psychotherapy*, 34(1), 19-24.
- Sourander, A., Jensen, P., Rönning, J. A., Niemelä, S., Helenius, H., Sillanmäki, L., & Almqvist, F. (2007). What is the early adulthood outcome of boys who bully or are bullied in childhood? The Finnish "From a Boy to a Man" study. *Pediatrics*, 120(2), 397-404.
- Sourander, A., Jensen, J., Ronning, H., Elonheimo, S., Niemela, H., Helenius, K. et al. (2007). *Childhood Staudinger*. Washington: American Psychological Association.
- Spriggs, A. L., Iannotti, R. J., Nansel, T. R., & Haynie, D. L. (2007). Adolescent bullying involvement and perceived family, peer and school relations: commonalities and differences across race/ethnicity. *Journal of Adolescent Health*, 41(3), 283-293.
- Sternberg, R. J. (2010). *Psicologia Cognitiva*. São Paulo: Cengage Learning.

- Tortorelli, M. F. P.; Carreiro, L. R. R., & Araújo, M. V. (2010). Correlações entre a percepção da violência familiar e o relato de violência na escola entre alunos da cidade de São Paulo. *Psicologia: Teoria e Prática*, 12(1), 32-42.
- Volk, A. A., Camilleri, J. A., Dane, A.V., & Marini, Z. A. (2012). Is Adolescent Bullying an Evolutionary Adaptation? *Aggressive Behavior*, 38(3), 222-238.
- Wang, J., Iannotti, R. J. & Nansel, T. R. (2009). School bullying among adolescents in the United States: physical, verbal, relational, and cyber. *Journal of Adolescent Health*, 45, 368-375.
- Zegarra, S. P., Barrón, R. G., Marqués, C. M., Berlanga, J. F., & Pallas, C. M. (2009). Diferencias conductuales según género en convivencia escolar. *Psicolhema*, 21(3), 453-458.
- Zottis, G. A. H. (2012). *Bullying na adolescência: associação entre práticas parentais de disciplina e comportamento agressivo na escolar*. Programa de Pós-Graduação de Ciências Médicas: Psiquiatria. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.